

VII — A CARRUAGEM

Luis Alberto F. Brandão Santos

amanhecer
é os cavalos
de fogo
já se acenderem

partir

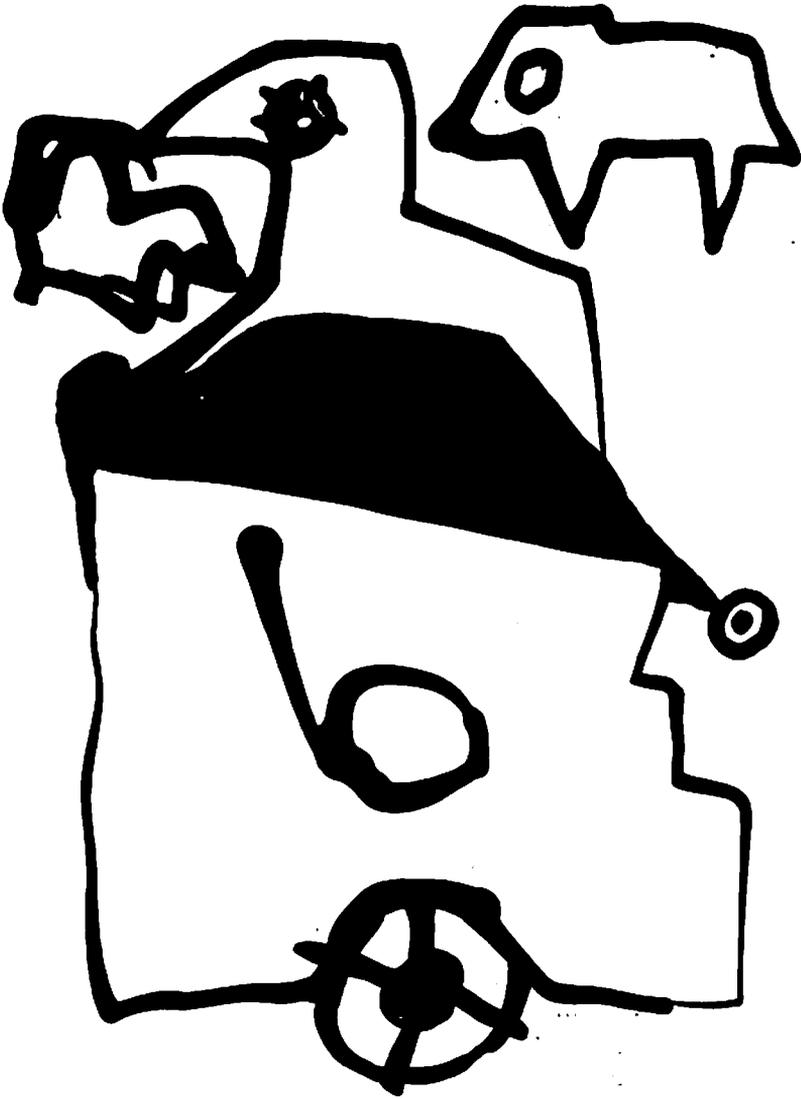
é para partir
que queimam
suas patas
inquietas

e seus relinchos
e seus trinados
soprando
as últimas velas
da noite
estrelas miúdas

mover

é para mover
o ar
que balançam
os pêlos longos
das crinas

e faz-se o vento
e as árvores
que ao vento balançam
e os seres pássaros
e mais



e todos os entes
moventes
fazem ao dia
o impulso

pulmões
respirando
quentes

mover
é o dia aerar-se
desse vento de seda

e os cavalos
já batem os cascos
e esse tremor inaudito
já desperta
o delicado sono
do cavaleiro

sono flor
que não sabe
porque caem
suas pétalas

pela abertura
das pálpebras
inaugura-se
o raio da luz

as pétalas
caem
para que desabrochem
os olhos

iluminar

é para iluminar
que se lança
o vôo dos cavalos

e se a partida
já foi dada
o cavaleiro imponente
sobre a carruagem
em faiscante marcha
salta

seus olhos
translúcidos
propulsionando
para o alto
o incandescente
veículo

viajar

é para viajar
espaços
que se abrem
os olhos
e as chamas

e lá vão
os cavalos fogosos
derretendo
a branquidão
da madrugada

e lá vai
o cavaleiro
com seus olhos
altivos
espalhando
despertares

galgar

**é para galgar
o tempo
que giram
as carruagens**

**e lá vai o dia
derramando-se
por todo o céu
mais alto, mais alto
se afastando
subindo, sumindo
as asas em combustão**

**e o olho
já perde
de vista
os movimentos
das labaredas**

**de tanto mirar
o incêndio
cega-se na noite
o olhar longínquo**

arder

**é para consumir-se
que arde
o fogo**